

**AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA: O ESTADO DA ARTE DA LIBRAS**

***SECOND LANGUAGE ACQUISITION: THE STATE OF ART OF LIBRAS***

Profa. Dra. Lídia da Silva  
Universidade Federal do Paraná  
lidiaufpr@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma síntese dos produtos acadêmicos que se acomodam no campo *aquisição de segunda língua* (ASL) e que tratam da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para tanto, faz um recorte temporal dos anos de 2008 até 2018, sumariza o quantitativo de produções, e apresenta brevemente o conteúdo das obras que estão disponibilizadas em catálogos virtuais. Na parte que aborda a expressão quantitativa, organiza as produções levando em conta o ano e os gêneros acadêmicos, bem como a distribuição de temas que são debatidos no campo da ASL em estudos envolvendo a Libras. Constata, enfim, que em 2016 e em 2018 houve o maior número de publicações, e essas tratam sobre políticas linguísticas. Na seção seguinte, os trabalhos estão sintetizados e são apresentados em cinco principais categorias, a saber: políticas linguísticas, a prática pedagógica para o ensino de Libras como segunda língua (L2), a aprendizagem da Libras como L2, a presença da Libras no cenário da educação básica e o professor de Libras como L2.

97

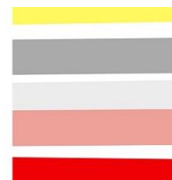
**Palavras-chave:** Aquisição de Segunda Língua; Libras; Estado da Arte.

**Abstract:** The present work aims to present a synthesis of the academic products that are accommodated in the field of second language acquisition and that deal with the Brazilian Sign Language (Libras). To do so, it makes a temporal cut from 2008 to 2018, summarizes the quantity of productions, and briefly presents the content of the works that are available in virtual catalogs. In the part that deals with the quantitative expression, it organizes the productions taking into account the academic year and genres, as well as the distribution of topics that are debated in the second language acquisition field in studies involving Libras. Finally, it notes that in 2016 and 2018 there were the largest number of publications, and these deal with language policies. In the following section, the works are summarized and presented in five main categories, namely: language policies, pedagogical practice for the teaching of Libras as a second language (L2), learning of Libras as L2, the presence of Libras in the scenario. of basic education and the Libras teacher as L2.

**Keywords:** Second Language Acquisition; Pounds; State of art.

### **Introdução**

Mota (2008), baseando-se em Doughty e Long (2003, p. 3-4), afirma que o escopo do campo de conhecimento denominado *aquisição de segunda língua* (doravante ASL) é amplo e abarca conhecimentos básico e aplicado sobre a aquisição de línguas tanto por adultos quanto por crianças que se encontram em ambientes naturais ou instrucionais, e que nesse campo



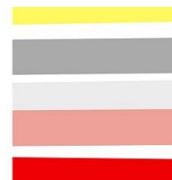
também são incluídas diversas abordagens metodológicas, filiando-se pesquisadores de várias disciplinas.

Das pesquisas que se tem conhecimento em ASL, a grande maioria advém de estudos internacionais. Nas últimas décadas, entretanto, segundo Mota (2008, p.4), pesquisas sobre ASL tem “se tornado bastante frutíferas no Brasil.”

Esse campo do conhecimento também se caracteriza por, substancialmente, abarcar estudos relacionados às línguas orais. No Brasil, Leite (2004) e Gesser (2006) quebraram a tradição e adentraram ao campo da ASL com suas pesquisas acadêmicas relacionadas à Libras. O primeiro, em sua dissertação de mestrado, discutiu a melhoria do ensino da Libras como L2 para alunos ouvintes e, para tanto, captou histórias orais de professores com vistas à análise das concepções de ensino. Desse modo, o autor analisou as implicações sociais, políticas e acadêmicas do sistema de conhecimentos, crenças e suposições que os professores surdos carregam sobre o ensino da língua. Gesser (2006), em tese de doutorado, descreveu as ações e os significados da interação social face a face entre um professor surdo e seus alunos ouvintes em um contexto de ensino e aprendizagem de Libras. Especificamente, a autora trabalhou com as relações estabelecidas pelos participantes com a Língua Portuguesa e a Libras, e com as culturas e as identidades surdas e ouvintes no e por meio do uso da linguagem.

Ambas as pesquisas – Leite (2004) e Gesser (2006) – têm em comum o fato de terem sido produzidas em um contexto histórico no qual as políticas linguísticas relacionadas à Libras estavam sendo gerenciadas pela legislação. Isso porque, em 2002, a Libras foi reconhecida pela Lei 10.436 como a língua da comunidade surda brasileira, e dessa derivou, em 2005, o Decreto 5.626, o qual a regulamentou e trouxe várias diretrizes, entre as quais o incentivo à difusão da Libras para ouvintes. Isto é, em relação ao decreto, que é um importante marco legal e político de apoio à essa língua minoritária, Leite (2004) e Gesser (2006) publicam um ano antes e um ano após o documento – respectivamente – produtos acadêmicos que se assentam no campo da ASL.

Diante desse contexto, o presente texto tem por objetivo demonstrar o estado da arte da área de ASL em relação aos estudos que contemplam a Libras e, para tanto, por meio de um estudo de caráter bibliográfico, discorre sobre tais publicações. Dando um salto temporal de 3 anos em relação à publicação do Decreto 5.626/05, faz-se um recorte no período que



corresponde a 11 anos, ou seja, de 2008-2018, buscando mapear como a literatura acadêmica trata o tema, especificamente, em relação a Libras como L2 para ouvintes.<sup>1</sup>

Nesse sentido, o texto dá uma amostra de quais aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos, e outros – que estão disponíveis na internet. Sabe-se que conhecer o que já foi construído possibilita refletir sobre o que ainda necessita ser feito para que, assim, a pesquisa em ASL possa efetivamente contribuir com a realidade prática de uso, ensino e aprendizagem da Libras no Brasil.

### Os catálogos das fontes documentais

As fontes básicas de referências deste estudo foram: Scielo, DOAJ, worldcat, Periódicos da Capes, Banco de Teses e Dissertações da Capes, e Google Acadêmico. Ou seja, lidamos apenas com catálogos virtuais que, segundo Ferreira (2002, p. 261):

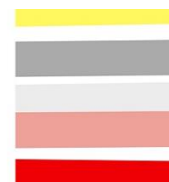
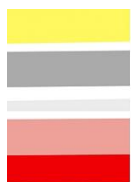
[...] se instalam criando condições para que maior número de pesquisadores interessados em temas afins estabeleçam um primeiro contato, recuperem determinado trabalho, possibilitando a circulação e intercâmbio entre a produção construída e aquela a construir. Os catálogos permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma certa área.

Em tais fontes, as buscas iniciais foram pelos termos de referência ‘Libras’, ‘segunda língua’, ‘ouvintes’<sup>2</sup> e, por esses termos não serem restritivos, houve um número elevado de trabalhos encontrados. Isso aconteceu, muito provavelmente, devido às associações que os sistemas fazem em relação aos macros domínios de assuntos. Ao que parece, a maior parte dos trabalhos que no corpo do texto mencionavam a palavra Libras foram apanhados pelos catálogos.

Então, após esse levantamento preliminar, tomou-se ciência dos resumos dos trabalhos de modo que se pudesse selecionar os que realmente condiziam com a área da ASL e de Libras por ouvintes. A especificidade da abordagem não foi um critério de exclusão, nesse caso, já que

<sup>1</sup> Esse destaque faz-se importante haja vista que existe a possibilidade de alguns surdos aprenderem Libras como L2.

<sup>2</sup> De acordo com Gesser (2006), ouvinte é a pessoa que tem o sentido da audição preservado e que estabelece relações diversas com surdos. Nesta pesquisa, os ouvintes que têm a Libras como segunda língua são chamados de *senalizantes* em substituição ao termo *falantes*.



se entende que a ASL é uma área que abriga pesquisadores de diferentes orientações teóricas e não apenas linguistas aplicados. Então, foram descartados apenas aqueles trabalhos os quais, apesar de terem seus títulos apresentados nas plataformas virtuais, não disponibilizam o resumo – como é o caso de algumas bibliotecas que mencionam a obra no acervo, mas que a restringem à consulta local.

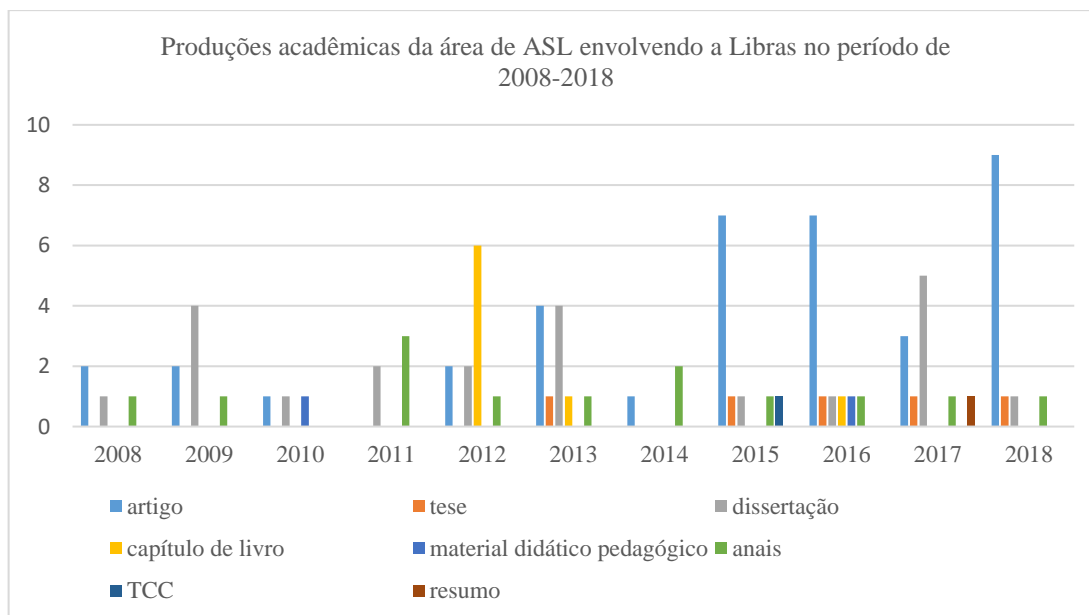
Após os dados serem selecionados, foram tratados quantitativamente e depois categorizados por similaridade de assunto. Neste ponto, vale a ressalva: tendo em vista que a seleção/exclusão de textos bem como o agrupamento dos trabalhos por seções de temas deram-se a partir da leitura dos resumos, os quais são textos que apresentam estruturas tipográficas e textuais bastante diversas, ou seja, caracterizam-se a partir de um gênero com maleabilidade de forma, pode ser que um ou outro trabalho esteja enveredado para um determinado aspecto quando poderia – na perspectiva do autor e/ou outros leitores - estar em outro.

Isso posto, dedicamos a próxima seção ao demonstrativo das publicações, organizadas por ano e gênero acadêmico.

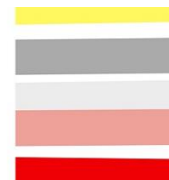
### Expressões quantitativas das produções da ASL envolvendo a Libras

100

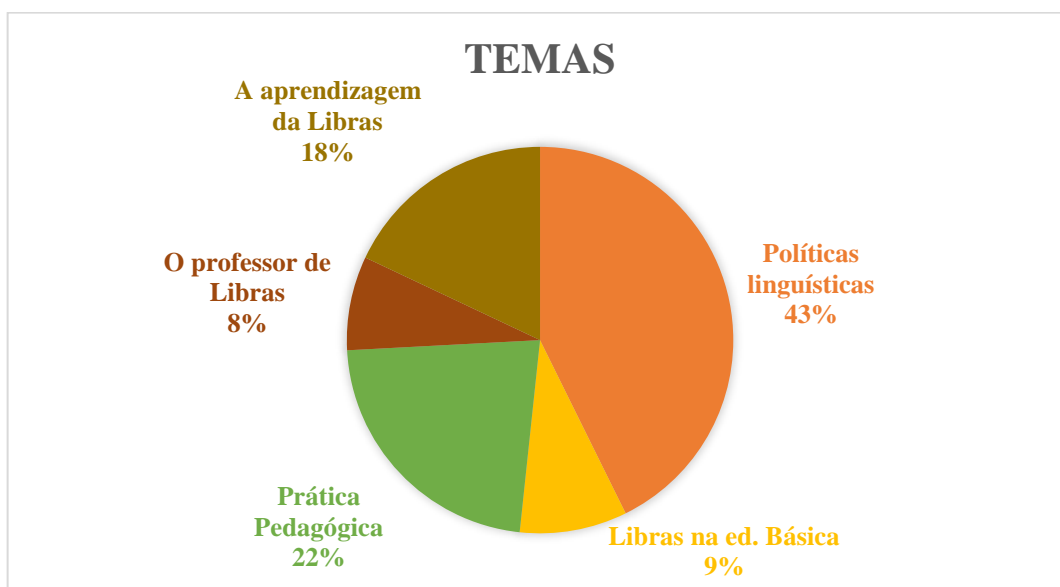
Os 90 manuscritos encontrados podem ser distribuídos conforme o gráfico abaixo:



**Gráfico 1** – Produções acadêmicas da área de ASL envolvendo a Libras no período de 2008-2018  
Fonte: A autora (2018).



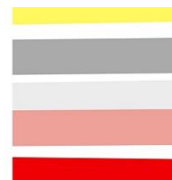
Desse gráfico, pode-se notar que os anos de 2016 e 2018 foram os que concentraram maior quantidade de trabalhos, enquanto que 2014 foi o ano com menor publicação do período. Do total de obras, os números mais expressivos são de artigos (38) e dissertações (22). Aqui ainda vale destacar que, desse montante, em uma consideração de média simples, tem-se 8 trabalhos sendo publicados por ano – o que é razoável quando se leva em conta que são poucos os autores que se repetem em publicações no escopo levantado. Com isso, pode-se interpretar que estamos diante de um quadro de mais de 80 pesquisadores pensando sobre o tema da ASL envolvendo a Libras. Entre as obras consultadas, tem-se as seguintes abordagens temáticas:



**Gráfico 2** – Temas das obras consultadas  
Fonte: A autora (2018).

Sobre o eixo de políticas linguísticas, recaem a maioria dos estudos (43%) e, nesse tópico, agrupam-se aqueles trabalhos que têm como pano de fundo a regulamentação e as providências legais, ou seja, estudos que se desenvolveram a partir da Lei 10.436/02 e do Decreto 5.626/05 – que tratam, entre outros pontos, sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nas licenciaturas.

O segundo assunto mais explorado nas produções de ASL envolvendo a Libras refere-se à prática pedagógica (22%) e, mais especificamente, às discussões a respeito de metodologia de ensino, estratégias, materiais e recursos.



Com 18% das publicações, encontram-se as abordagens a respeito da aprendizagem da Libras como L2, em que há trabalhos ancorando-se em perspectivas interacionistas com destaque ao ouvinte como agente da aprendizagem e de seu desempenho linguístico.

No tocante ao assunto da presença da Libras no cenário da educação básica (9%), encontram-se publicações discutindo processos de ensino a crianças ouvintes com proposição metodológica inclinada ao lúdico e ao valor sociocultural dessa iniciativa.

Finalmente, sobre o assunto do professor de Libras como L2 (8%) recaem discussões que envolvem sua identidade, sua competência linguística, sua formação e os vários desafios de sua carreira docente.

### **As matérias expressadas no campo da ASL sobre a Libras**

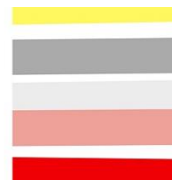
Nesta parte, o texto traz uma discussão a respeito de quais são as matérias expressadas no campo da ASL sobre a Libras e, para isso, apresenta os tópicos organizados a partir da categorização dos temas.

102

### **POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: REGULAMENTAÇÃO E PROVIDÊNCIAS LEGAIS**

Encontram-se muitos trabalhos que tratam sobre a implantação da disciplina de Libras como componente curricular obrigatório nas licenciaturas (pedagogia e outras) e na fonoaudiologia das universidades brasileiras. Os estudos dividem-se entre aqueles que apresentam uma contextualização global seguida de asserções a respeito dos vieses burocrático e institucional que recobrem a iniciativa, e aqueles que tecem uma avaliação sobre essa ocorrência. Na parte em que se avalia a implantação, destacam-se pontos positivos e negativos. Os positivos, em grande medida, referem-se à reviravolta discursiva causada pela disciplina e, dentre os negativos, destaca-se a insuficiência da carga horária da disciplina.

Entre os trabalhos que fazem a contextualização do tema aparece a publicação de Silva (2015), que apresenta o caso da implantação da disciplina na Universidade Federal de Sergipe. Em sua dissertação, demonstra o histórico burocrático e organizacional do atendimento da



demanda legal. Feltrin (2013) e Giordani (2015) caracterizam a disciplina dizendo que, além da incumbência de ensinar a língua e a cultura, deve prestar-se também a transmitir conhecimentos que permitam aos acadêmicos desconstruírem o conceito de anormalidade surda. Dentre os trabalhos que apresentam a contextualização do tema, destaca-se que devido à forma aligeirada como ocorreu a implantação da disciplina há enorme dessemelhança na sua caracterização nas instituições de ensino superior (PEREIRA, 2008; PAIVA, FARIAS, CHAVEIRO, 2018).

Nessa mesma tônica discursiva de contextualização da implantação da disciplina, encontram-se análises relativas à modalidade à distância, que foi uma saída encontrada pelas instituições para atender a emergência da exigência legal. Sobre isso, Sell e Neves (2015) descrevem a implementação da disciplina de Libras no curso de pedagogia com enfoque à educação à distância na Universidade do Estado de Santa Catarina. As autoras debatem as situações específicas relacionadas à disciplina que desafiaram o oferecimento dela a partir das metodologias já estabelecidas no curso, e apontam que dentre as situações encontradas está a participação de professores e tutores surdos na equipe docente.

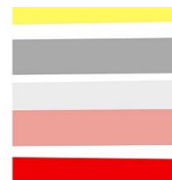
103

Lebedeff et al (2011) discutem o mesmo tema, e relatam as adequações tecnológicas necessárias ao atendimento da característica visual desta língua. Nesse sentido, os autores apresentam uma proposta inovadora de material didático para o ensino de Libras à distância, pautada na visualidade a partir do uso de vídeos com o apoio de instruções escritas, criado no *software* Adobe *Flash* para utilização no *Moodle*.

Santos et al (2015) problematizam a inserção da disciplina na modalidade à distância, e discutem algumas abordagens de ensino. No artigo, atentam-se especificamente aos aspectos da qualidade e acessibilidade de sua oferta, tratando dos principais desafios tecnológicos e suas implicações para a relação ensino-aprendizagem da Libras a ouvintes.

Campos (2015), em sua tese de doutorado, apresenta uma investigação sobre os aspectos do ensino e da aprendizagem da Libras como L2 à distância, por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), via *Moodle*. Através do aporte teórico de Bakhtin e de um método misto, a autora averigua as considerações de 103 alunos, 9 tutores e 3 docentes da Universidade Federal de São Carlos quanto à ferramenta, e constata que, de forma geral, parece que a disciplina alcançou seus objetivos.

Segue-se a esse estudo o texto de Dalzico (2016), o qual, lidando com dados extraídos do *Moodle* gerados no curso de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, constata



que, apesar de a carga horária ser irrisória para o desenvolvimento da habilidade comunicativa em Libras, a disciplina possibilita a sensibilização do futuro pedagogo em relação às especificidades da criança surda.

Frasca (2017), em sua dissertação, também debate o desenvolvimento da disciplina de Libras na modalidade à distância no contexto da educação superior, e a partir de entrevista com 178 graduandos aponta caminhos, tais como: conteúdos e atividades práticas, e videoconferências.

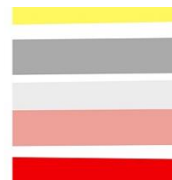
Quanto à avaliação do processo de implantação da disciplina de Libras nas universidades, os autores apresentam importantes considerações. A primeira, advinda de Silva, Bruno e Tartuci (2015), é a de que o Programa Viver Sem Limites, que viabilizou a criação dos cursos Letras Libras, da Pedagogia Bilíngue e também da disciplina obrigatória de Libras nas universidades brasileiras, também gerou vagas de concursos para professores surdos – o que, por sua vez, gerou a demanda de contratação de intérpretes de Libras. Quanto ao investimento na formação do profissional que atua na área de Libras, Lodi e Lacerda (2015) reconhecem a necessidade de maior dedicação à formação do pedagogo bilíngue (por meio da Pedagogia Bilíngue) do que na formação de professores para atuação nos anos finais do ensino fundamental, médio e na educação superior (por meio do Letras Libras).

Especificamente quanto à avaliação da disciplina de Libras, a produção científica brasileira aponta para uma avaliação muito positiva por parte dos acadêmicos (KLIMSA, 2013; WEIRICH, 2013; GUARINELLO ET AL, 2013; NASCIMENTO; SOFIATO, 2016), já que a consideram importante, entendem sua obrigatoriedade e sabem do seu aproveitamento em suas profissões.

Segundo Andrade (2013) e Rodrigues e Vieira-Machado (2015), apesar da exígua carga horária e independentemente de qual seja o conteúdo explorado na disciplina, a Libras no ensino superior desencadeia um consistente processo de transformação social, política, cultural e acadêmica. Esse desenvolvimento, porém, não exime o acadêmico, segundo Lopes (2013), do sentimento de desconforto frente à discrepância em relação aos conhecimentos recebidos e o que, de fato, necessita para atuar com alunos surdos. O trabalho de Veras e Brayner (2018) opõe-se ao de Andrade (2013) e Rodrigues e Vieira-Machado (2015) pois, para esses autores, há resistência dos alunos no aprendizado desta língua.

Outro ponto importante, levantado por Klein e Santos (2015) e Costa e Lacerda (2015), é que a efervescência discursiva em torno da implantação da disciplina de Libras tem produzido





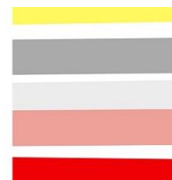
significados diferentes sobre os surdos, sua língua e sua educação. Carniel (2018) concorda e afirma que isso fez com que a surdez deixasse de ser vista como deficiência e passasse a ser debatida a partir de sua particularidade étnico-linguística. Calixto (2018) também discute as formas de percepção de licenciandos sobre o surdo e a Libras antes e após cursarem a disciplina. Pela análise dos dados, depara-se com a grande importância desse conteúdo na grade de formação de professores, uma vez que, antes da disciplina, os alunos apresentam uma percepção fortemente ancorada em parâmetros clínicos terapêuticos da surdez e, conseqüentemente, uma consideração desprestigiada da Libras. Após a disciplina, no entanto, os acadêmicos apresentam uma visão do surdo e da Libras que privilegia o aspecto socioantropológico da língua e do sujeito.

Tanto os trabalhos que descrevem o contexto como aqueles que apresentam uma avaliação do processo elencando pontos conflitantes e questões já superadas dão ênfase à importância da inserção deste componente curricular na formação de professores, e assinalam que tal implementação corrobora a efetivação da inclusão (SOARES, 2015; ROSSI, 2015, SOUZA; PORROZZI, 2009).

Entretanto, a avaliação apresentada nos documentos consultados também aponta alguns pontos negativos em relação a esse processo de implantação da Libras como disciplina obrigatória. Um deles diz respeito aos problemas com formação dos docentes que atuam no ensino desta disciplina (PEREIRA, 2008). Essas questões vão desde o apontamento da precariedade de formação, até sua ausência. E encontra-se ainda o trabalho de Rebouças (2009), defendendo a prioridade da ocupação da vaga de professor por pessoas surdas.

A insuficiência de carga horária para a disciplina e a ausência de metodologias específicas à graduação também aparecem como dificultadores de aprofundamento dos conteúdos. Mercado (2012), por exemplo, aborda a atual formação proporcionada aos alunos do Curso de Pedagogia no concernente à disciplina Libras em 5 instituições de ensino superior da rede privada da grande São Paulo, e conclui que os conteúdos precisam ser aprofundados e que para isso a carga horária precisa ser ampliada. Essa mesma defasagem de carga horária reflete no problema de distribuição de percentual para aulas práticas e teóricas (ALMEIDA; ROMANHOL, 2017), e na definição de encaminhamentos metodológicos ao contexto de ensino superior (CUSTÓDIO, VILLAS BOAS; OLIVEIRA, 2012).

Por fim, Martins (2008) e Martins (2012) discutem que a implantação da disciplina pode representar apenas um mascaramento, já que a presença do surdo e sua língua – à época –



constatava-se ser hostil. Questões dessa ordem sugerem, segundo o autor, um “barateamento” da Libras.

E além do olhar sobre o ensino da Libras para os estudantes das universidades, as pesquisas, como de Bastos (2009), Mourão (2009), Soares e Pereira (2015) e Bressan (2013), também têm se interessado por refletir sobre o ensino da língua às comunidades externas ao espaço acadêmico, que são: professores da rede pública de ensino, servidores públicos em geral e aprendizes de escola técnica. Tal atuação se dá pela via da extensão universitária.

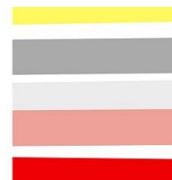
Bastos (2009) descreve e analisa a implementação do ensino de Libras para os professores da rede estadual de São Paulo os quais atendem alunos surdos. Pelo estudo, constata-se que, apesar de haver um aumento na interação professor-aluno surdo, algumas concepções inadequadas acerca da surdez e da Libras ainda permanecem entre os docentes.

Mourão (2009), em sua dissertação de mestrado, investiga e analisa as contribuições do curso Librasnet (uma plataforma de ensino à distância) a professores da rede pública de ensino de 17 municípios do Brasil. O recurso apresenta animações na exibição de mil sinais que são também contextualizados e seguidos de discussões sobre a educação de surdos. De acordo com os dados de avaliação, a autora constata que 100% dos participantes estavam satisfeitos com o curso.

Conclusão semelhante é encontrada no relato de experiência de Soares e Pereira (2015), em que contam os resultados da aplicação do projeto de extensão intitulado “Curso de Formação Inicial e Continuada – Libras-Básico”, o qual era destinado à capacitação de servidores públicos (municipais, estaduais e federais) que atuavam em instituições culturais, para que os mesmos pudessem atuar no recebimento do público surdo nesses estabelecimentos.

Ademais, encontra-se também a publicação de Bressan (2013), que apresenta dados acerca do aprendizado de Libras por ouvintes em contexto de escola técnica – SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Por meio da análise dos dados, a autora constata que, apesar de algumas dificuldades, é possível que alunos ouvintes aprendam diretamente com professores surdos, sem a mediação de intérpretes.

Diante da síntese apresentada, pode-se depreender que, segundo as asserções dos autores consultados, há consonância entre política e planejamento linguístico no que diz respeito àquelas ações de disseminação da Libras a ouvintes que se encontram fora do contexto universitário. Isso porque nota-se que as proposições políticas concernentes à difusão da Libras dispostas na legislação são, positivamente, viabilizadas pelas práticas extensionistas.

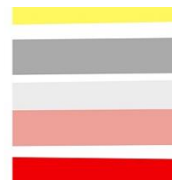


Entretanto, o mesmo não se pode dizer em relação à implantação da disciplina obrigatória de Libras nas licenciaturas. Isso em razão de que, apesar de sua importância social, cultural, e humanitária ser inquestionável (e seus ganhos significativos a acadêmicos que passam por ela), sua efetivação em ambientes universitários foi (e ainda é) marcada pela imposição legal, somada a inexperiência por parte dos agentes envolvidos em relação a este tema. Logo, esse quadro resultou em práticas desorientadas que precisam, urgentemente, ser avaliadas, coletivamente, com vistas ao aperfeiçoamento do processo.

### **A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LIBRAS COMO L2**

Sem dúvida, o texto de Gesser (2010) é um importante material que trabalha com as questões de metodologia de ensino em Libras como L2, haja vista que foi produzido para um público específico: alunos surdos do primeiro curso de licenciatura em Letras Libras no Brasil, da Universidade Federal de Santa Catarina. No material, Gesser (2010) discute o que vem a ser metodologia de ensino de línguas, o histórico e os princípios das metodologias de ensino de línguas, o aprender e o ensinar línguas, as variáveis no contexto de ensino, as habilidades receptivas e produtivas da língua, o material didático, cursos, unidades e aulas. Ancorando-se no texto de Gesser (2010) e outros, Pena e Moura (2016) desenvolvem um capítulo de livro no qual afirmam que os caminhos didáticos ainda estão sendo descobertos, mas que predominantemente tem havido “o ensino pela prática”. Neigrames e Timbane (2018) concordam com esse argumento e apontam que o professor de Libras não possui uma metodologia única para atingir o saber do seu aluno, precisando buscar formas criativas para auxiliar suas aulas.

Lima (2017) também se interessou pela prática pedagógica que envolve o ensino em um Curso Básico de Libras e, em sua dissertação de mestrado, aponta que tem havido a predominância do uso do método comunicativo. Bernardino, Pereira e Passos (2018) apresentam um texto que, além de apoiar-se na literatura, também vem recheado com exemplos das experiências das autoras. Elas apresentam um breve histórico sobre o ensino de Libras, retratam as perspectivas teóricas relativas ao ensino de L2 de uma forma geral, e dão ênfase à pedagogia pós-métodos, que é a abordagem que possibilita a reintegração entre a teoria e a



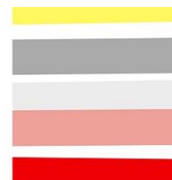
prática. Esclarecem, enfim, que tal pedagogia pode contribuir para a eficiência da prática pedagógica do professor de Libras.

Fora essas análises empreendidas a respeito da abordagem que suporta as práticas pedagógicas, os estudos têm apresentado análise de procedimentos aplicados em sala de aula para ensino da Libras como L2, análise de recursos didáticos e material didático utilizado para ensino do idioma.

Dentre as pesquisas que tratam dos procedimentos didáticos, tem-se Figueira (2012) analisando as estratégias utilizadas pelo professor da disciplina de terminologias da área jurídica de um curso de Libras para ensinar os vocabulários técnicos. A autora descreve desde a introdução da aula, as atividades, até o uso do vocabulário durante a aula e o tempo de fala do professor e dos alunos. A partir da descrição, avalia que houve muitos aspectos positivos durante a aula, mas aponta que o tempo em que a fala é centrada no professor é maior do que a centralidade na fala dos alunos.

Nogueira e Cabello (2016) relatam sua experiência no que se refere às situações de ensino de Libras como L2 para alunos ouvintes de diversos cursos, tendo como proposta pedagógica a elaboração de 2 narrativas audiovisuais pelos alunos participantes de cursos de Libras. No primeiro caso, os acadêmicos falavam de si mesmo, e no segundo deveriam refletir sobre as possíveis relações entre a disciplina de Libras em suas formações nas mais diversas áreas. As autoras constatarem que o uso de tal recurso didático, além de favorecer uma abordagem de ensino de língua comunicativa, também mobilizou os conhecimentos linguísticos, políticos e sociais desenvolvidos ao longo das aulas. Neves (2011) propõe a análise de alguns recursos desenvolvidos para aulas de Libras para ouvintes da Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo, com o propósito de trabalhar três de suas características gramaticais: a iconicidade, a simultaneidade e o uso de expressões faciais. Por meio da comparação do desempenho no início e no fim do curso, a autora atesta que o uso dos recursos foi eficaz no sentido de promover um efetivo aumento na fluência em Libras.

A respeito da tratativa do material didático e sua relação com a prática pedagógica no ensino de Libras, há dois tipos principais de discussão: a que analisa o material didático e a que realiza proposição de material e sequente análise. No primeiro grupo, encontra-se Pereira (2009) apresentando uma análise crítica do primeiro livro publicado no Brasil para ensino de Libras a ouvintes, “Libras em Contexto”, na qual constata haver certa inconsistência no que se refere à proposta da abordagem interacional. Silva (2012) também se enquadra nesse grupo,



pois realiza uma análise comparativa de 3 materiais didáticos destinados ao ensino de Libras para ouvintes. Para tanto, pauta-se nos critérios de análise estrutural e de conteúdo. Como resultado, observa que os materiais dão ainda muita relevância para o ensino dedutivo da gramática, numa abordagem tradicional, em detrimento ao ensino indutivo da gramática, que se configura como o elemento norteador da abordagem comunicativa.

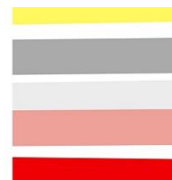
No tocante ao segundo grupo, tem-se Duarte (2011) que propõe um material didático para o ensino de Libras, nível básico, para alunos ouvintes, e Franco, Bessa e Camargo (2011) que se juntam ao mote de relatos de experiência da confecção de material didático para o ensino da Libras, e demonstram o processo de elaboração de recursos audiovisuais para a educação à distância da Puc Minas. Os autores contam os detalhes da pré-produção, da produção, e da avaliação de 24 vídeos com cerca de 5 minutos cada, e demonstram as expectativas para o lançamento futuro dos materiais. Além desses, em 2016 é disponibilizado um material para consulta de sequência didática para o ensino de Libras como L2 – trata-se da obra de Romão (2016). Ainda em relação a relatos sobre a produção de material didático, encontra-se um resumo elaborado pelas alunas do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará, que foi apresentado na “I Exposição de Artefatos Didáticos para o ensino de Libras”, no qual relatam suas experiências com elaboração e aplicação de um jogo chamado “caminhos da Libras” (BRITO; LOPES; 2017).

109

E em relação aos estudos que recobrem a análise de recursos didáticos<sup>3</sup> para o ensino de Libras como L2, encontra-se Gargalaka (2012), que analisou o uso do *blog* como recurso pedagógico no ensino da Libras para alunos adultos ouvintes em cursos básico e intermediário. Através da análise das partes constituintes do *blog* (*layout*, *postagens*, *comentários*, *ilustrações*, *uso de recursos midiáticos*) e também por entrevistas com os professores/produtores, a autora conclui que esse é um recurso pedagógico atraente, capaz de alcançar alunos e facilitar a aprendizagem. Araújo, Junqueira e Sobreira (2016) publicam um texto no qual apresentam um estudo sobre o desenvolvimento de objetos de aprendizagem na forma de jogos educativos digitais em um curso de aperfeiçoamento em Libras, na modalidade à distância, para professores da rede estadual de educação. Os autores contextualizam a escassez de materiais

---

<sup>3</sup> Lebedeff (2017) analisa vídeos utilizados por professoras de língua de sinais britânica e, dentre os três materiais analisados, explica que dois deles atendem aos critérios de objeto de aprendizagem de língua: granularidade, reusabilidade, acessibilidade e interoperabilidade. O estudo foi excluído por não se assentar na relação ASL-Libras proposta por esse texto.



para o ensino de Libras, e comentam que os que estão disponíveis na internet não apresentam uma proposta pedagógica adequada. Dessa feita, demonstram alguns recursos que colaboram com a aprendizagem, explicitam seus propósitos pedagógicos, e avaliam seus pontos positivos e negativos. Oliveira, Guimarães e Silva (s/a)<sup>4</sup>, por sua vez, analisam o *design* e o uso dos dicionários para o ensino de Libras a alunos ouvintes das disciplinas optativas do Instituto Federal Goiano. As autoras apontam que entre os estudantes há insatisfação quanto ao material adotado, e que há escassez de dicionários.

Ainda tratando sobre recursos didáticos utilizados no ensino de Libras como L2 para ouvintes, encontra-se a pesquisa de Lebedeff e Santos (2014), que aborda uma análise do uso de 4 vídeos de curta-metragem como Objetos de Aprendizagem para o ensino de Línguas dentro de uma abordagem comunicativa. As autoras concluem que esse recurso possibilita a imersão em práticas sociais de linguagem, quer dizer, em contextos marcados histórica e culturalmente, e apresentam interações em Libras em situações reais de comunicação.

A música é um outro recurso didático que é analisado em pesquisa sobre ensino de Libras a ouvintes. Andrade (2016), em dissertação de mestrado, aponta que a música não deixa de ser uma expressividade de linguagem e de pensamento e que, por isso mesmo, recomenda-se usá-la no ensino da Libras. No estudo, a autora trabalha com duas universidades particulares no Município do Rio de Janeiro, para as quais desenvolveu um material intitulado “Canções populares interpretadas em Língua Brasileira de Sinais”, para servir como recurso pedagógico no ensino da língua. Após aplicação, a autora conclui que o uso da música tem muitos benefícios ao aprendizado da Libras, tais como: motivação, concentração e memorização.

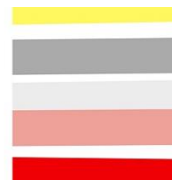
Tsukamoto (2017), em tese de doutorado, analisa a contribuição dos REA (recursos educacionais abertos) como subsídio para o ensino de Libras a ouvintes, e constata os inúmeros benefícios dessa tecnologia.

Ferraz (2017) apresenta uma proposta de dicionário de configuração de mãos para ser utilizado no ensino de Libras como L2. O autor constata que tal recurso facilita a ampliação do vocabulário dos alunos aprendizes de Libras.

A partir das conclusões apresentadas pelos autores, pode-se refletir que, de fato, falar em prática pedagógica para o ensino de Libras – que é uma língua de minoria e que até

---

4 Este texto não está computado na seção “expressões quantitativas das produções da ASL envolvendo a Libras” por não apresentar ano de referência.



recentemente teve seu uso social banido das práticas discursivas – implica na compreensão de que se trata da expressão de um conteúdo limitante em termos de acúmulo de *expertise*, ou seja, o tema é absolutamente novo. No Brasil, antes de 2006, o movimento pelo ensino da Libras pautava-se muito mais na premissa ideológica, que visava a defesa do *status* linguístico da Libras, do que em sua estruturação pedagógica. Apenas depois da fundação do primeiro curso de licenciatura em Letras Libras, que ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina em 2006, é que se começou a falar mais sistematicamente sobre o assunto, mas, ainda assim, com certa fragilidade dada a própria incipiência do processo.

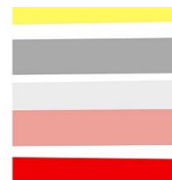
Neste sentido, o estado da arte da prática pedagógica para o ensino de Libras como L2 distancia-se, substancialmente, do estado da arte da prática pedagógica para o ensino de segundas línguas orais, pois enquanto esse tem inúmeras matérias que viabilizam a reflexão (material didático, recursos, publicações), aquele ainda está construindo um arcabouço teórico derivado, muitas vezes, das práticas que são simultaneamente desenvolvidas. Nesse movimento dialético de produção há ainda muito que se sustentar sobre fundamentos metodológicos, procedimentos e materiais didáticos, recursos e técnicas de ensino.

## A APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO L2

Maciçamente, os estudos que se debruçam a descrever o processo de aprendizagem da Libras pelo ouvinte têm como pano de fundo teorias de base interacionistas e/ou socioculturais. Para os pesquisadores dessa linha, a interação é defendida como condição de aprendizado, ou seja, considera-se que a influência da mediação é fator preponderante para aquisição da L2. É defensável a ideia de que a permanência no nicho em que naturalmente se usa a Libras é determinante para a evolução na língua. (PUHL; BORGES, 2016<sup>5</sup>; VALADÃO; BORGES, 2017). São ausentes estudos de viés conexionista, cognitivista, gerativistas e tantos outros que recobrem a área de ASL.

---

5 Os autores partem da hipótese de que a *affordance* é um elemento facilitador no processo de aquisição de Libras. *Affordance* é uma propriedade do ambiente que viabiliza ações psicologicamente possíveis – e pode ser exemplificada como sinais icônicos – e pode ajudar o ciclo de percepção, interpretação e ação de ouvintes adquirindo Libras com L2.



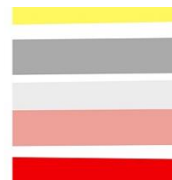
Quanto às interações em sala de aula, tem-se a pesquisa de Nascimento e Bezerra (2012), que realizam uma análise descritiva da interação entre professor surdo, professor ouvinte e alunos ouvintes no ensino da Libras. Constatam que a interação entre alunos ouvintes e professor surdo é mediada pelo professor ouvinte, o qual alterna seu lugar enunciativo assumindo papel ora de professor, ora de intérprete, mas que também há interação direta entre professor surdo e alunos ouvintes. Albres (2012), baseando-se na perspectiva sociocultural, analisa 2 episódios de interações em sala de aula de curso de Libras intermediário. A autora examina o funcionamento dialógico-discursivo das interações sociais, atentando-se, especificamente, para as estratégias envolvidas no ensino-aprendizagem.

Segundo esses estudos, nessa perspectiva de interação é que o ouvinte constrói a sua relação com o mundo da surdez e com a estranheza conflitante da Libras. Em Freitas (2008) essa relação é observada a partir da experiência da pesquisadora – como aluna – durante um curso de Libras, ministrado por um professor surdo. Nesse processo, crenças podem ser desconstruídas em lugar de construção de novas afirmações, e a autoavaliação sobre sua própria produção sinalizada pode ser revista, tal como fizeram Sousa e Afonso (2016) e Silva e Stumpft (2017), respectivamente, em suas pesquisas.

Quanto às discussões sobre interação e aprendizagem de Libras como L2 desenvolvidas em um espaço extraclasse, tem-se a pesquisa de Witchs (2015), que tratou de um contexto social aberto, chamado Clube de Libras. Nesse Clube, professores, funcionários e pessoas externas à universidade localizada na região do Vale do Rio dos Sinos encontram-se para conversar (e aprender a Libras). O autor observou os encontros semanais, e constatou que as interações discursivas ocorriam conforme a necessidade e o interesse do grupo, com isso, os ganhos foram não somente sociais, mas também linguísticos.

Nesse mesmo viés, Prieto (2017), por meio de uma pesquisa participante, descreve as interações entre professores estagiários surdos, professoras regentes e crianças ouvintes em um contexto de ensino de Libras como L2, proposto por um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, e aplicado como projeto piloto/experimental em uma creche em Florianópolis. A autora olha para os modos como as relações constroem-se no convívio com a Libras e com o Português no mesmo espaço de ensino e aprendizagem. Silva, Cruz e Conceição (2017), por meio de um estudo de caso, lançam luz sobre o processo de aprendizado de Libras como L2 por mães de filhos surdos, e concluem que tal processo favorece a comunicação





eficiente no ambiente familiar. O resultado aponta que crianças surdas necessitam de modelos adultos para se desenvolverem em Libras, e esses, imprescindivelmente, precisam ser seus pais.

### O desempenho linguístico do ouvinte sinalizante de Libras como L2

Os poucos estudos descritivos sobre o desempenho da produção sinalizada de ouvintes reúnem-se em 2 níveis de análise: fonológico e discursivo. Sobre o desempenho linguístico sendo apresentado no nível fonológico tem-se pesquisa de Souza (2008) e Zancanaro Júnior (2013). Para o nível discursivo, Silva (2018).

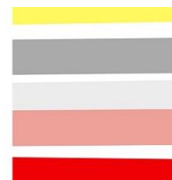
Souza (2008) discute as dificuldades de desempenho de ouvintes sinalizantes de Libras como L2, de nível básico. O autor constata grande dificuldade na execução da marcação não-manual, especialmente, o que diz respeito ao direcionamento do olhar, às expressões faciais e ao movimento corporal. O estudo também aponta que devido a essa dificuldade de execução da marcação não-manual pode haver alteração de significado, principalmente em sentenças dos tipos interrogativa, exclamativa e negativa. Em 2011, o autor apresenta a mesma pesquisa pelo Anais da Loja virtual EdiPUC.

Zancanaro Júnior (2013) apresenta um trabalho de pesquisa que trata sobre a *performance* de uso de 11 léxicos durante a sinalização de 2 grupos de sujeitos (um grupo de fluentes e um grupo de não fluentes) a partir da análise da estrutura interna dos sinais, e identifica as distorções fonológicas cometidas. O pesquisador observou que no grupo de fluentes, a ocorrência de erros, no momento da produção do sinal, é menor. Em 2015, Zancanaro Junior e Stumpf (2015) tratam sobre as alterações nos parâmetros fonológicos durante a produção dos sinais em adultos ouvintes sinalizantes da Libras como L2 em período inicial de aprendizado da língua. No estudo, os autores constatam que o maior número de alterações fonológicas se dá no parâmetro configurações de mão, com raras trocas nos outros parâmetros. Posteriormente, em 2017, Zancanaro Júnior delimita seu estudo e publica o livro<sup>6</sup> “Avaliação

113

---

<sup>6</sup> Este texto não está computado na seção “expressões quantitativas das produções da ASL envolvendo a Libras” por não tratar-se de catálogo virtual. ZANCANARO JUNIOR, L. A. **Avaliação da produção em Libras como segunda língua por ouvintes**: uma análise dos parâmetros fonológicos. Novas edições acadêmicas, 2017. Disponível em < <https://www.nea-edicoes.com/catalog/details/store/gb/book/978-620-2-40562-1/avalia%C3%A7%C3%A3o-da-produ%C3%A7%C3%A3o-em-libras-como-segunda-l%C3%ADngua-por-ouvintes?search=libras>> Acesso em 26 out. 2018



da produção em Libras como segunda língua por ouvintes: uma análise dos parâmetros fonológicos”.

Silva (2018), em sua tese de doutorado, trata sobre a fluência de ouvintes sinalizantes de Libras como L2, dando ênfase aos elementos da espacialização. Em seu estudo, a autora busca a relação do fenômeno da fluência com o uso dos elementos que compõem a espacialização em Libras durante a sinalização de uma narrativa, e busca também nivelá-la a partir da qualificação desse uso.

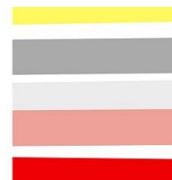
Pelo exposto nota-se que o estado da arte que concerne à aprendizagem da Libras como L2 por ouvintes é fortemente marcado pelos pressupostos interacionistas, que estão em consonância com as atuais discussões da ASL. O desenvolvimento de tal quadro, presume-se, pode ter se dado devido à forte influência dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais aos trabalhos que discutem a aprendizagem de Libras por ouvintes.

## A PRESENÇA DA LIBRAS NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

114

As pesquisas que abordam o assunto ensino de Libras como L2 para crianças tratam o tema a partir de 2 contextos distintos. O primeiro sendo aquele em que no ambiente de ensino há a presença de crianças surdas e ouvintes e o segundo sendo aquele em que no ambiente de ensino há apenas a presença de crianças ouvintes. A importância de tal ensino, em ambos os contextos, é a difusão do idioma de modo que se possa assegurar que as crianças ouvintes, além de poderem ser consideradas bilíngues, possam se relacionar com as pessoas surdas e o façam sem preconceitos. Em todos os estudos apresentados nessa temática, os resultados apontam que as crianças sempre respondem satisfatoriamente à proposta de aprender Libras como L2. (ROA, 2012; MARQUES, 2012; DAXENBERGER E SILVA, 2018).

De um modo geral, as pesquisas concordam com essa ideia, quer dizer, que apesar dos cursos serem estruturados com carga horária irrisória, impossibilitando assim o desenvolvimento da fluência linguística (haja vista a questão da modalidade da língua ser diferente da primeira língua do ouvinte), os ganhos estão no campo do relacionamento interpessoal, da formação da consciência de respeito para com a diversidade linguística e a

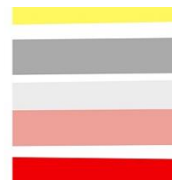


convivência harmoniosa com o diferente. Exemplos dessas pesquisas são Valadão et al (2016) e Tondinelli (2016). Os primeiros analisaram a aplicação de aulas de Libras para crianças ouvintes, do 1º ao 5º ano de uma instituição educacional de Viçosa – MG e a segunda analisou o ensino de Libras a alunos ouvintes do 6º ano de um Colégio Estadual de Santa Mariana –PR. Segundo ambos os estudos, a partir dessas iniciativas verifica-se atitudes positivas dos ouvintes em relação à Libras e ao surdo.

As pesquisas que se enquadram no cenário de educação básica, por abordar o ensino de Libras à crianças, também discutem a questão da metodologia e da didática, concordando sempre que a prática pedagógica do professor deve pautar-se na ludicidade de modo a atender a especificidade da infância. No relato de experiência de Lacerda e Morais (2013), por exemplo, as autoras contam sobre um projeto de ensino de Libras em uma turma de educação infantil (idades entre 3 e 4 anos), na rede municipal de Florianópolis, na qual o trabalho pedagógico foi desenvolvido de forma temática, tomando-se o poema de Dulce Rangel, chamado “Um amor de confusão”, com adaptação para cultura surda. Assim, através da criação de uma personagem surda que foi inserida no cotidiano da turma, o ensino da L2 envolveu a apresentação de histórias da cultura surda, músicas, rodas de conversa e brincadeiras. Semelhantemente, Carvalho et al (2013) propõem o uso de recursos didáticos lúdicos para ensino de Libras às crianças. As autoras discutem a elaboração de um bingo envolvendo o grupo semântico de animais, e um jogo de boliche com o tema de números e matemática. Sousa (2017) aplicou atividades lúdicas aos alunos da educação infantil e explorou as características da participação da professora da turma, da bolsista surda, das crianças e da pesquisadora/intérprete em uma atividade que envolvia contação de histórias em Libras.

O estado da arte explanado demonstra certa obviedade de resultado, que muitas vezes é presente nos estudos científicos e não por isso tornam-se pouco importantes. Ninguém diria que não é importante ensinar Libras à crianças ouvintes e que tal ensino precisa ocorrer de forma lúdica. A partir disso, então, pensa-se que a maior contribuição que os trabalhos aqui sintetizados conferem à ASL é a reflexão acerca da necessidade de desenvolvimento de projetos políticos estruturantes de ações de disseminação da Libras no cenário da educação básica, de modo que, a partir desta implementação possa-se produzir conhecimento sobre tais condições.

## O PROFESSOR DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES



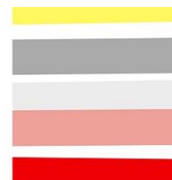
O professor de Libras como L2, apresentado nas pesquisas levantadas, tem por característica ser surdo. Quer dizer, é raro encontrar pesquisa discutindo sobre o ouvinte que adquiriu a Libras como L2 atuando como docente da língua. Os estudos que tratam sobre o professor surdo podem ser categorizados em três grupos: a) surdos sem formação docente atuando como professor de Libras como L2 a ouvintes; b) surdos em formação pedagógica e c) surdos com formação pedagógica atuando como docentes.

O fato de se ter pesquisa relatando a existência de surdos sem formação docente atuando como professor de Libras como L2 a ouvintes reflete uma realidade que foi muito recorrente no Brasil antes da implementação do curso de licenciatura em Letras Libras que ocorreu em 2006. Até essa época, havia a distinção entre instrutores e professores sendo que os primeiros eram aqueles que não tinham formação pedagógica em nível superior. Ou seja, a atuação docente estava condicionada à da surdez e não a sua formação pedagógica pois só o fato de ser surdo lhes garantia o lugar de professor da língua. Ocorre que tal atuação não é suficiente à devida contribuição que um docente pode trazer não só a aprendizes de um segundo idioma como às crianças surdas que acabam também sendo seus alunos, conforme discutem Gianini, Lima e Porto (2016). Além da demonstração da falta de competência didática por parte de surdos não formados que estão trabalhando como professores, há pesquisa, como de Bueres (2010) que aponta para o baixo desempenho na sinalização de instrutores surdos de Palmas.

116

Pesquisas relacionadas à formação em curso de professores de Libras também são escassas. No nosso levantamento encontra-se apenas a publicação de Constâncio (2018) discutindo a atuação de 14 acadêmicos do Letras Libras, que por meio do programa de iniciação à docência, ministravam aulas em duas escolas municipais da rede pública do estado de Mato Grosso do Sul.

A respeito dos professores com formação e que se encontram em atuação têm-se pesquisas debruçando-se sobre o seu discurso e sobre suas crenças. Romanhol (2018), por meio da análise do discurso, analisou o conteúdo de fala de 9 professores de Libras de 5 instituições de ensino superior públicas do Estado de Goiás e revelou constatações claras a seu próprio respeito como a sua autoavaliação como bons profissionais e a demonstração de interesse em aprimorar sua metodologia. Farias (2016) identifica o perfil dos professores da disciplina Libras, da Universidade Federal do Amazonas, considerando suas visões acerca da língua como constituidora da cultura surda.



Ainda a respeito desses professores que estão em serviço é preciso destacar que sua atuação, em geral, é isolada e se dá em ambiente composto, majoritariamente, por ouvintes. Isso quer dizer, que sua identidade docente vai constituindo-se no curso do seu trabalho ao mesmo tempo em que este profissional galga espaços de afirmação da sua língua e da sua cultura. Nesse escopo, enquadra-se a pesquisa de Silva e Klein (2009) pois as autoras analisam a presença da cultura e da identidade surda nas relações sociais estabelecidas em uma instituição do Rio Grande do Sul.

Isso posto, precisamos concordar com a pesquisa de Albres (2012) e (2013) que através do seu artigo e de sua tese de doutorado, respectivamente, aponta o caráter político da prática e da formação pedagógica uma vez que comporta vários aspectos como experiências pessoais, aspectos organizacionais, sociais, culturais, linguísticos, conhecimento técnicos, conhecimentos científicos, e outros.

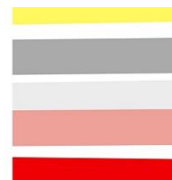
Considerando-se que há menos de uma década em que há, no Brasil, professores graduados em licenciatura em Letras Libras, pode-se compreender a escassez de produção acadêmica debatendo essa temática. Pensa-se que o aumento de publicações se dará na mesma proporção em que houver solidificação da tradição de formação de professores de Libras como L2 para ouvintes. Fatalmente, nesse desenvolvimento do estado da arte, pesquisas destacando a atuação de professores ouvintes precisarão aparecer, haja vista o aumento exponencial destas pessoas ocupando vagas nos cursos de licenciatura em Letras Libras.

117

### **Palavras finais**

Este trabalho teve como objetivo demonstrar o estado da arte da área da ASL em relação aos estudos que contemplam a Libras. Para cumprir esse objetivo, foram consultadas fontes virtuais, e trabalhou-se com os resumos dos trabalhos de 2008-2018.

Ao longo do texto, percebeu-se que a área comporta um número significativo de publicações que tratam da Libras como L2 para ouvintes, e que, apesar da oscilação temporal, os trabalhos são divididos entre um grande número de pesquisadores. Contudo, os temas aos quais os 90 trabalhos elencados têm se dedicado parecem ser limitados. Ou seja, o quantitativo



de produtos acadêmicos publicados até então não deu conta de consolidar os estudos de ASL envolvendo a Libras.

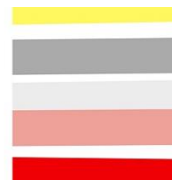
Políticas linguísticas, que é o tema mais explorado nas publicações do período recortado, aborda a implantação da disciplina de Libras nas universidades levantando dificuldades e desafios, enfatiza o papel da disciplina nas licenciaturas, e destaca sua importância na pedagogia. Além disso, levanta importantes considerações a respeito do ensino na modalidade à distância e por extensão. Entretanto, nesse escopo, não há tratativa sobre questões importantes como, por exemplo: ações institucionais na propagação de uma língua de minoria como possibilidade de aquisição de segundo idioma a ouvintes; motivações individuais e relações de poder envolvidas no contato dos ouvintes com a Libras como L2, e papel do ouvinte na vitalização da língua e outras.

Prática pedagógica, que é o segundo tema no *ranking* dos estudos que envolvem Libras e estão abrigados no campo da ASL, converge para conclusão de que não há uma solidez metodológica em relação ao ensino dessa língua, e aponta para algumas possibilidades de materiais e recursos que podem ser aplicados em sala de aula como facilitadores do processo, entre eles o dicionário, as músicas e os *blogs*. Nesse sentido, observa-se que a principal defasagem da área é o registro de princípios pedagógicos que se pautem na natureza espaço visual da Libras, e não se ancoram nos mesmos procedimentos utilizados no ensino de línguas orais.

Os processos de aprendizagem de L2 são exaustivamente discutidos na linguística aplicada para línguas orais, e com aprofundamentos teóricos das mais diversas ordens, tendo abordagens que privilegiam a perspectiva behaviorista, o cognitivismo, e a abordagem sociocultural. Em relação à aquisição da Libras por ouvintes, todavia, há uma escassez de produções a esse respeito. Possivelmente esse fato se dá, entre outras razões, pela dificuldade em utilizar os mesmos constructos teóricos relativos à línguas orais para análise de língua de modalidade espaço-visual.

As pesquisas que tratam sobre o ensino de Libras para crianças têm uma importância especial dada a sua relevância social a contribuição à formação política e cultural deste público. Apresentam-se em um número reduzido, e concordam a respeito do encaminhamento metodológico específico a faixa etária que compõem a educação básica.

A discussão sobre o professor de Libras como L2 é importante e apresenta pouca expressividade na ASL e por isso incentiva-se que novas investigações desenvolvam-se a partir



desse tema, tais como: processos identitários, sistemas de crenças, construção de competências, proficiência do professor, papéis do professor em sala de aula e outras.

Por fim, pode-se afirmar que, no que diz respeito a Libras, a ASL está em franca expansão com a presença de autores experientes dedicando-se com afinco a compreensão do processo de aquisição dessa L2 por ouvintes. Resta-nos, pois como ação interessante realizar um mapeamento, o mais completo possível de suas próximas produções a fim de averiguar as contribuições que trarão à linguística aplicada.

### Referências

ALBRES, N. A. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 125-149, 2012. Disponível em: < <http://www.revel.inf.br/files/6e9e138e1df0292c48e355324465cb64.pdf>>. Acesso em: 26 out. de 2018.

\_\_\_\_\_. Saberes docentes: a problemática da formação de professores de língua de sinais. In: ALBRES, N. A. (Org). **Libras em estudo: ensino-aprendizagem**. São Paulo: FENEIS, 2012, p 15-35.

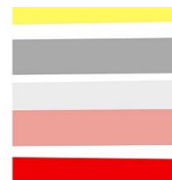
\_\_\_\_\_. **Relações dialógicas entre professores Surdos sobre o ensino de Libras**. 305 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

ALMEIDA, F. A. S. D. P.; ROMANHOL, T. A. S. A disciplina de Libras nos cursos de Letras: o cenário da região centro-oeste. **RevLet - Revista Virtual de Letras**, v. 09, n. 1, p. 100-116, jan.-jul., 2017. Disponível em: < <http://www.revlet.com.br/artigos/423.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ANDRADE, E. A. F. Estudo da disciplina de Libras em duas licenciaturas no litoral do Paraná. **Divers@ - Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, n. 1, v. 6, p.39-50, jan.-jun. 2013. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/35085/21806>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ANDRADE, F. C. **Canções em Libras: o uso da música como recurso pedagógico no ensino da língua brasileira de sinais para alunos ouvintes em cursos de ensino superior**. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ARAUJO, M. A.; JUNQUEIRA, M. S.; SOBREIRA, V. Jogos educacionais digitais e seus desafios de produção: enriquecendo o aprendizado em Cursos de Libras Ead. In GODOI, E.; LIMA, M. D.; DA SILVA, R. M. (Org). **LIBRAS e o processo de formação continuada de professores: discussões teóricas e metodológicas**. Uberlândia: EDUFU, 2016, p. 141-162.



BASTOS, M. H. **A experiência de uma implementação de um curso de Libras para professores da escola pública.** 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2009.

BERNARDINO, E. L. A.; PEREIRA, M. C. C.; PASSOS, R. Estratégias de ensino da língua brasileira de sinais como segunda língua. **Trama**, Marechal Candido Rondon, v. 14, n. 32, p. 27-39, 2018. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/issue/view/1017/showToc>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Decreto 5626/05 que regulamenta a Lei nº 10436 de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da União**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRESSAN, M. R. **O ensino de LIBRAS em um contexto de escola técnica:** o que pensam as pessoas ouvintes. 95 f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013.

BRITO, F. R.S; LOPES, L. C. Caminho da Libras: artefato didático para o ensino de Libras como L2. **Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 2, 2017, v. 2, n. 1, p. 4119, 2017.

BUERES, T. C. H. K. **Um estudo sobre a formação linguística dos instrutores de Libras em Palmas - Tocantins.** 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

120

CALIXTO; H. R. S. O ensino de Libras na formação de professores: formas de perceber o surdo e a língua de sinais. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 4, n. 1, p. 101-116, 2018. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/30063>>. Acesso em: 26 out. 2018.

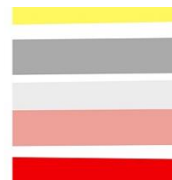
CAMPOS, M. L. I. L. **O processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do moodle da UAB-UFSCAR.** 209 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

CARNIEL, F. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230027, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230027.pdf>> Acesso em: 26 out. 2018.

CARVALHO, J. G.; ET AL. Ensino-aprendizagem de Língua Brasileira de Sinais para crianças. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 316-326, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol13/artigo3vol13-2.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

CONSTÂNCIO, R. F. J. Formação docente para o ensino de Libras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS E ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 2018. **Anais**. São Carlos: UFSCar, 2018. p.1-5.





COSTA, O. S.; LACERDA, C. B. F. A implementação da disciplina de Libras no contexto dos cursos de licenciatura. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 5, p. 759-772, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7923>>. Acesso em: 26 out. 2018.

CUSTODIO, A. C. C.; VILLAS BOAS, M. S. M.; OLIVEIRA, P. S. de J. Caminhos e descaminhos da formação docente do professor de Libras no ensino superior. In: V SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR. 2012. **Anais**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012. p. 1-16.

DALZICO, A. M. P. A disciplina de Libras no contexto da EaD. **Revista Diálogos**, v. 4, n. 1, p. 78-89, 2016. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3898>>. Acesso em: 26 out. 2018.

DAXENBERGER, A. C. S.; SILVA, B. F. O Ensino de Libras, em uma escola no município de Areia-PB, por meio de extensão universitária. **Revista Educação e Emancipação**, Maranhão, v. 11, n. 2, p. 194-214, mai.-ago. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/9535>>. Acesso em: 26 out. 2018.

121

DUARTE, A. S. **Ensino de Libras para ouvintes numa abordagem dialógica**: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático. 327 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

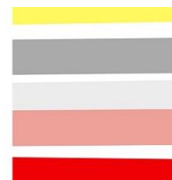
FARIAS, R. da M. **Professores de Libras**: identidades e práticas pedagógicas. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

FELTRIN, S. G. N. A disciplina de Libras na graduação de pedagogia: contribuições para a formação do professor. In: FERREIRA, R.B.; DIAS, A.T.B.B. (Org). **I Coletânea de experiências de ensino/aprendizagem dos docentes dos cursos de graduação da Unesc**. Criciúma. Florianópolis: UNESC, 2013. p. 42-28.

FERRAZ, C. L. M. **Estratégia de ensino de Libras como L2 (Segunda Língua)**: dicionário de configuração de mãos para atuação de professores de Libras. 81f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, Ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018

FIGUEIRA, E. A. A. S. Estratégias de ensino de vocabulário de Libras: um estudo de caso. In ALBRES, N. A. (Org.). **Libras em estudo**: ensino-aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 131-154.



FRANCO, I. C. M.; BESSA, J. S. A.; CAMARGO, L. D. V. L. Recursos (áudio) visuais para o ensino a distância da Língua Brasileira de Sinais: relato de experiência. In: 17 CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 2011. **Anais**. Manaus: Tropical Manaus, 2011, p. 1-10.

FRASCA, L. dos S. B. **Disciplina de Libras na modalidade a distância**: necessidades formativas e possíveis caminhos. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2017.

FREITAS, M. C. de. O ouvinte e sua relação com a língua de sinais e com a surdez. In: III SEMINÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO E I COLÓQUIO DE LINGUÍSTICA, DISCURSO E IDENTIDADE. 2008. **Anais**. Ilhéus: UESC, 2008, p.1-9

\_\_\_\_\_. **Uma ouvinte em Curso de LIBRAS**. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009.

GARGALAKA, M. C. O uso do blog como recurso pedagógico no ensino de Libras: as possibilidades nas palavras nesse ciberespaço. In: ALBRES, N. A. (Org.) **Libras em estudo**: ensino-aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 79-104.

GESSER, A. **Um olho no professor surdo e outro na caneta**: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

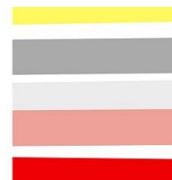
GESSER, A. **Metodologia de ensino em Libras como L2**. [online]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE\\_MEN\\_L2.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE_MEN_L2.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2018.

GIANINI, E.; LIMA, N. M. F.; PORTO, S. B. N. Pelos caminhos da extensão universitária na UCFG: formação docente para o ensino de LIBRAS. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 5, n. 1, p. 79-92, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/585>>. Acesso em: 26 out. 2018.

GIORDANI, L. F. Disciplina de Libras nos cursos de pedagogia: qual a desconstrução possível da anormalidade surda pelo olhar do aluno? In: XV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 2014. **Anais**. Fortaleza: Editora UECE, 2014, p. 2517-2527.

GUARINELLO, A. C. ET. AL. A disciplina de Libras no contexto de formação acadêmica em fonoaudiologia. **Revista CEFAC**, v. 15, n. 2, p. 334-340, mar.-abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n2/159-11.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

KLEIN, M.; SANTOS, A. N. Disciplina de Libras: o que as pesquisas acadêmicas dizem sobre a sua inserção no ensino superior? **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 9-29, set.-dez. 2015. Disponível em:



<[https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6147/pdf\\_37](https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6147/pdf_37)>. Acesso em: 26 out. 2018.

KLIMSA, B. L. T. **Narrativas de alunos universitários sobre o professor surdo e o ensino de Libras**. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, Pernambuco, 2013.

LACERDA, L. L.; MORAIS, C. R. C. O Ensino da Língua de Sinais para crianças ouvintes: uma proposta de Bilinguismo às avessas. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO - SIRSSE E IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE - SIPD, 2013, **Anais**. Curitiba: Editora Champagnat, 2013, p. 20764-20774.

\_\_\_\_\_; ET AL. Produção de material didático para o ensino de Libras à distância: uma discussão sobre desafios e superações didáticas e de design. In: 5 CONGRESSO NACIONAL DE AMBIENTES HIPERMÍDIA PARA APRENDIZAGEM. 2011. **Anais**. Pelotas: CCE-UFSC, 2011, p. 1-9.

\_\_\_\_\_; SANTOS, A. N. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1073-1094, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop5814.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

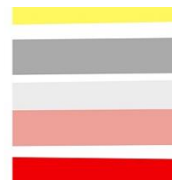
\_\_\_\_\_. Vídeos como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas: uma discussão na perspectiva de aprendiz de Língua de Sinais Britânica. **Revista Veredas On-line**, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 129-143, 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/319903942\\_Videos\\_como\\_Objetos\\_de\\_Aprendizagem\\_para\\_o\\_Ensino\\_de\\_Linguas\\_uma\\_discussao\\_na\\_perspectiva\\_de\\_aprendiz\\_de\\_Lingua\\_d\\_e\\_Sinais\\_Britanica](https://www.researchgate.net/publication/319903942_Videos_como_Objetos_de_Aprendizagem_para_o_Ensino_de_Linguas_uma_discussao_na_perspectiva_de_aprendiz_de_Lingua_d_e_Sinais_Britanica)>. Acesso em: 26 out. 2018.

LEITE, T. de A. **O ensino de segunda língua com foco no professor: história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira**. 250 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LIMA, M. C. V. **Curso de Libras para ouvintes: uma pesquisa exploratória**. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. Formação de Professores de Língua Brasileira de Sinais: reflexões sobre o impacto desta ação para a educação. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 29, n. especial, p. 279-299, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducaoFilosofia/article/view/29983/18249>>. Acesso em: 26 out. 2018.

LOPES, R. A. **Um olhar sobre o ensino de Libras na formação inicial em pedagogia: utopia ou realidade?** 89f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.



MARQUES, H. de C. R. **O Ensino de Língua Brasileira de Sinais para Crianças Ouvintes e Surdas:** conteúdo e recurso para o desenvolvimento humano. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual De Maringá, Maringá, 2012.

MARTINS, V. R. O. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. **Revista Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 21, n. 28, p. 191-206, 2008. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/161>>. Acesso em: 26 out. 2018.

\_\_\_\_\_. O acontecimento do ensino de Libras – diferenças e resistências. In ALBRES, N. A. (Org.). **Libras em estudo:** ensino-aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 37-54.

MERCADO, E. A. O significado e implicações da inserção de Libras na matriz curricular do curso de pedagogia. In: ALBRES, N. A. (Org.). **Libras em estudo:** ensino-aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 57-78.

MOTA, M. B. **Aquisição de segunda língua.** [online] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em : <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base\\_disciplina\\_AQUISICAOL2.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base_disciplina_AQUISICAOL2.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2018.

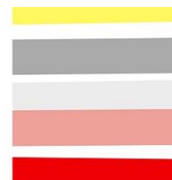
MOURÃO, M. P. **Ensino da língua brasileira de sinais e formação de professores à distância.** 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

NASCIMENTO, L. C. R.; SOFIATO, C. G. A disciplina de língua brasileira de sinais no ensino superior e a formação de futuros educadores. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 18, n. 2, p. 352-368, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8639505>>. Acesso em: 26 out. 2018.

NASCIMENTO, M. V.; BEZERRA, T. C. Dupla docência no ensino de língua brasileira de sinais: interação surdo/ouvinte em perspectiva dialógico-polifônica. **ReVEL**, Bragança Paulista, v. 10, n. 19, p. 74-92, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/9b874cf7f1ba73df9fc7c456ac612e24.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

NEIGRAMES, W. P.; TIMBANE, A. A. Discutindo metodologias de ensino de Libras como segunda língua no ensino superior. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cacéres, v. 11, n. 01, p. 140-161, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/reactl/article/view/2551>>. Acesso em: 26 out. 2018.

NEVES, S. L. G. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de Língua Brasileira de Sinais para ouvintes.** 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.



NOGUEIRA, A. S.; CABELLO, J. O trabalho com narrativas audiovisuais no ensino de Libras como L2 para ouvintes. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 320-347, jan.-jun. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2650/2868>>. Acesso em: 26 out. 2018.

OLIVEIRA, F. B.; GUIMARÃES, C.F.; SILVA, M. A. S. A escolha do material didático adotado para o ensino de Libras, na modalidade optativa, dos cursos de graduação do IF goiano – Câmpus Urutaí. In: III CONEDU – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2016. **Anais**. Natal: Centro de Convenções do Rio Grande do Norte, 2016.

PAIVA, G. X.S.; FARIAS, J. G.; CHAVEIRO, N. O ensino de Libras nos cursos de formação de professores: desafios e possibilidades. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 68-80, jan.-jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/53145/25772>>. Acesso em: 28 out. 2018.

PENA, T. T. S.; MOURA, M. L. O ensino da língua brasileira de sinais como segunda língua para ouvintes na fase adulta. In: SALVADOR, J. A. S. et al (Org). **Estudos e reflexões sobre língua brasileira de sinais**. Toledo: Ed. Facsul, 2016. p. 179-203.

PEREIRA, M. C. P. A Língua De Sinais Brasileira: análise de material didático de ensino como segunda língua para ouvintes. **Linguasagem**, São Carlos, v. 1, 2009. Disponível em: <[http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao07/Artigo\\_Pereira.php](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao07/Artigo_Pereira.php)>. Acesso em: 26 out. 2018.

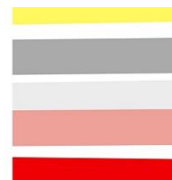
PEREIRA, T. de L. **Os desafios da implementação do ensino de Libras no ensino superior**. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2008.

PRIETO, A. G. **Interações interculturais no contexto de ensino de Libras como L2 na creche**. 240 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PUHL, J.; BORGES, E. F. V. O papel das affordances na aquisição da Libras como segunda língua. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 434-448, mai.-ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8844/5195>>. Acesso em: 26 out. 2018.

REBOUÇAS, L. S. **A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina língua brasileira de sinais (LIBRAS) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005**. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009.

ROA, M. C. I. **Libras como segunda língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional**. Dissertação 130 f. (Mestrado Profissional em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.



RODRIGUES, C. H.; VIEIRA-MACHADO, L. M. C. A língua de sinais na formação de professores: experiências no Espírito Santo e em Minas Gerais. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 29, n. 2015, p. 247-278, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29981/18248>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ROMANHOL, T. dos A. S. **O discurso do professor acerca da disciplina de Libras no ensino superior sob o olhar do sistema de avaliatividade**. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

ROMÃO, A. O. S. S. Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2: descrição e breve análise do material didático. **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 4, n. 2, p. 180-202, 2016. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/issue/view/267/showToc>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ROSSI, R. A. A Libras como disciplina no ensino superior. **Revista de Educação**, v. 13, n. 15, p. 71-85, 2010. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/viewFile/1867/1772>>. Acesso em: 26 out. 2018.

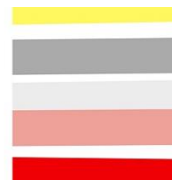
SANTOS, L. F. et al. Desafios do Ensino de Libras na Educação a Distância. **Comunicações**, Piracicaba, v. 22, n. 3, p. 203-219, 2015. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2252/1647>>. Acesso em: 26 out. 2018.

SELL, F. S. F.; NEVES, B. C. Desafios metodológicos para o desenvolvimento da disciplina de Libras no curso de pedagogia na modalidade a distância da Universidade do Estado de Santa Catarina. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 2014. **Anais**. Florianópolis: ESUD, 2014, p. 3208-3220.

SILVA, B. G.; KLEIN, M. O professor surdo no espaço acadêmico: desafios e conquistas no exercício docente no ensino de Libras. In: VIII MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 2009. **Anais**. Rio Grande: FURG, 2009, p. 1-5.

SILVA, J. F. T.; CRUZ, A. J.; CONCEIÇÃO, F. H. G. O aprendizado da Libras como segunda língua pela família do surdo. In: 10 ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E 11 FÓRUM PERMANENTE INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 2017. **Anais**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2017. p 1-12.

SILVA, L. C.; BRUNO, M. M. G.; TARTUCI, D. A língua brasileira de sinais nas universidades públicas da região centro oeste: dilemas, conquistas e horizontes. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 29, n. especial, p. 375-396, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29989/18253>>. Acesso em: 26 out. 2018.



SILVA, L. da. **Fluência de ouvintes sinalizantes de Libras como segunda língua: foco nos elementos da espacialização.** 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVA, L.; STUMPTF, M. R. Fluência e acurácia em ouvintes usuários de Libras como segunda língua: autoavaliação de acadêmicos do Letras Libras. **Revista Leitura** V.1, n. 57, p. 252-285, jan.-jun. 2016. Disponível em <<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2632/2865>> Acesso em 26 out. 2018.

SILVA, R. R. da. O ensino da Libras para ouvintes: análise comparativa de três materiais didáticos. In: ALBRES, N. A. (Org.). **Libras em estudo: ensino-aprendizagem.** São Paulo: FENEIS, 2012, p. 105-130.

SILVA, V. S da. **A implantação da Língua Brasileira e Sinais como disciplina curricular obrigatória na Universidade Federal de Sergipe.** 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal De Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SOARES, L. A. **O ensino da língua brasileira de sinais (Libras) no curso de licenciatura em ciências biológicas da UFPB: uma análise da importância da disciplina na formação docente.** 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas) – 2015.

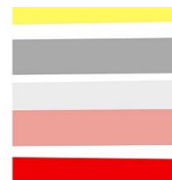
SOARES, M. H. A.; PEREIRA, J. A. Aprendendo Libras: Uma segunda língua, uma nova cultura. **Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC**, n. 2, ano 2, p. 57-61, Jan/Jun-2015. Disponível em: <<http://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/1658/pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

SOUSA, D. V. C. **Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.** 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SOUSA, S. C. T. de; AFONSO, L. dos A. Políticas linguísticas sobre a Libras: as crenças dos estudantes de letras. **Revista de Letras**, n. 38, v. 2, p. 38-55, jul.-dez. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19335/30001>>. Acesso em: 26 out. 2018.

SOUZA, D. T. As Dificuldades Encontradas por ouvintes na aquisição da Libras como L2 e a interferência da marcação não-manual na mudança de significado. In: I SIAL – SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 2011. **Anais.** Porto Alegre: PUCRS, 2011. p. 1-17.

\_\_\_\_\_. Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades encontradas por ouvintes na execução da marcação não-manual e sua interferência na mudança de significado. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 2, n. 3, p. 275 - 290, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1125/1034>>. Acesso em: 26 out. 2018.



SOUZA, M. T.; PORROZZI, R. Ensino de Libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. **Revista Práxis**, Volta Redonda, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/1119>>. Acesso em: 26 out. 2018.

TONDINELLI, M. O. Noções básicas de LIBRAS para alunos ouvintes. **Cadernos PDE**. Volume 2. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Produções didático-pedagógicas. SEED: Curitiba, 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_edespecial\\_uenp\\_mariaozanatondinelli.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uenp_mariaozanatondinelli.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2018.

TSUKAMOTO, N. M. S. **O Uso de REA para ensino de Libras nos cursos de graduação do ensino superior**. 176f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica Do Paraná, Curitiba, 2017.

VALADÃO, M. N. ET AL. Os desafios do ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista (Con) textos Linguísticos**, v. 10, n. 15, p. 125-147, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13500/10795>>. Acesso em: 26 out. 2018.

\_\_\_\_\_.; ALVES, S. D. A.W. Abordagem intercultural no ensino da Libras para estudantes ouvintes de uma escola inclusiva. **INTERLETRAS**, v. 6, n. 25, p. 1-17, abr.-set. 2017. Disponível em: <[http://www.interletras.com.br/ed\\_anteriores/n25/conteudo/artigos/4.pdf](http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n25/conteudo/artigos/4.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2018.

VERAS, D. S.; BRAYNER, I. C. dos S. Atuação docente: ensino de Libras no ensino superior. **Trama**, Marechal Candido Rondon, v. 14, n. 32, p. 121-129, 2018. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/18604>>. Acesso em: 26 out. 2018.

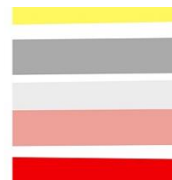
WEIRICH, M. T. G. S. A obrigatoriedade do ensino de Libras–língua brasileira de sinais–nas instituições públicas de ensino superior como forma de inclusão social e perspectiva do discente do curso de enfermagem da UFMT–campus de Sinop/MT. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 6, n. 12, p. 331-353, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1235/877>>. Acesso em: 26 out. 2018.

WITCHS, P. H. Clube de Libras: interação e aprendizagem de língua de sinais como segunda língua. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LINGUAGEM E INTERAÇÃO, 2015, **Anais**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 2015, p. 1-11.

ZANCANARO JUNIOR, L. A. **Produções em Libras como segunda língua por ouvintes não fluentes e fluentes**: um olhar atento para os parâmetros fonológicos. 192f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

\_\_\_\_\_.; STUMPF, M. R. O ensino de Libras em sinalizadores ouvintes: uma análise dos parâmetros fonológicos. **Revista Leia Escola**, v. 15, n. 1, p. 92-106, 2015. Disponível em:





<<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/485/357>>. Acesso em: 26 out. 2018.

**Recebido em: 02 de outubro de 2019.**

**Aprovado em: 10 de dezembro de 2019.**